



Agropecuária que se sustenta*

“UM DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO QUE NÃO SEJA VERDE NÃO É SUSTENTÁVEL,
ASSIM COMO UMA TRANSIÇÃO QUE NÃO SEJA JUSTA TAMBÉM NÃO É”



Ariovaldo Zani,
CEO do Sindirações

O mundo ratificou o primeiro acordo do clima no Rio de Janeiro em 1992 (*United Nations Framework Convention on Climate Change/ UNFCCC – Cúpula da Terra*), no entanto, as discussões haviam começado ainda em 1972 em Estocolmo na Suécia. Ou seja, já se completou mais de um quinquentenário, ou melhor, trinta e um anos após o primeiro Tratado, e finalmente, oito anos do Acordo de Paris.

Agora, adentramos a fase de implementação das políticas públicas e do mercado de carbono, trazendo consigo suas penalidades, taxas ou créditos. Durante

essa fase seguimos definindo as métricas para cálculo das emissões, conhecendo quem e como a conta será quitada ou até mesmo recebida, seja através dos investimentos ou mesmo pela mitigação das emissões resultante da compra ou receita daqueles potenciais créditos gerados. É patente afirmar, portanto, que as emissões dos gases de efeito estufa impactarão o custo da totalidade produzida direta ou indiretamente nesse nosso mundo contemporâneo.

No caso do setor agropecuário, o protocolo de cálculo leva em conta o ciclo de vida com balanço de

todos os insumos utilizados na produção, inclusive dos combustíveis e energia, fertilizantes e defensivos. Em complemento, é compulsório considerar, inclusive, o sequestro do carbono da atmosfera pelos seres vegetais que é incorporado às sementes, frutos e estrutura das plantas. Em resumo, o saldo, positivo ou negativo é modulado pelo montante emitido e sequestrado.

Lamentavelmente, a apuração supramencionada também carrega o controverso conceito “*Land Use Change/LUC*”, traduzindo “Mudança do Uso da Terra” com período de amortização de vinte anos >

na contabilização da conversão da floresta para pastagem pecuária ou atividade agrícola, fator demasiadamente impactante imposto por países ricos àqueles em desenvolvimento (caso do Brasil) que mobilizaram parte das reservas florestais disponíveis para ampliação das áreas produtivas.

A Embrapa, por sua vez, tem contribuído sobremaneira e demonstrado que a atividade agrícola tropical pode tornar-se aquela mais sustentável, inclusive, conta com método nacional e estimativas desdobradas em nível estadual e municipal (*Brazilian Land Use Change/BRLUC*), compatível com os principais protocolos internacionais de avaliação de ciclo de vida e de pegada de carbono, como o *IPCC Guidelines, GHG Protocol, Manual ILCD, ISO 14067, PAS 2050, PEF e Agrifootprint*.

A influência do *LUC* tende a arrefecer, já que

seguimos cultivando as mesmas extensões agrícolas por anos seguidos, além de não explorar novas áreas florestais, a exemplo da produção cafeeira que já contabiliza emissão negativa e potencialmente emissora dos créditos de carbono resultantes.

Nossa expectativa é que essa invejável sustentabilidade da agricultura brasileira resulte potenciais benefícios econômicos, em resposta aos anseios da sociedade consumidora que clama pela neutralidade do carbono e associa o balanço na emissão dos gases do efeito estufa às transações comerciais.

ARIOVALDO ZANI, CEO do Sindirações

*texto elaborado com a colaboração de Roberto Betancourt, Diretor DEAGRO/Fiesp

Avanço modesto da alimentação animal

CADEIAS PRODUTIVAS AINDA COM DESEMPENHO ANTAGÔNICO

Resumidamente, de janeiro a setembro, a produção de rações avançou quase 2% e somou 62,6 milhões de toneladas. O desdobramento revela que a demanda do segmento de frangos de corte incrementou em 3%, quando comparada ao mesmo período do ano passado. O mesmo raciocínio aplicado estabelece avanço de 1,0% para as poedeiras. No caso dos suínos, o crescimento foi

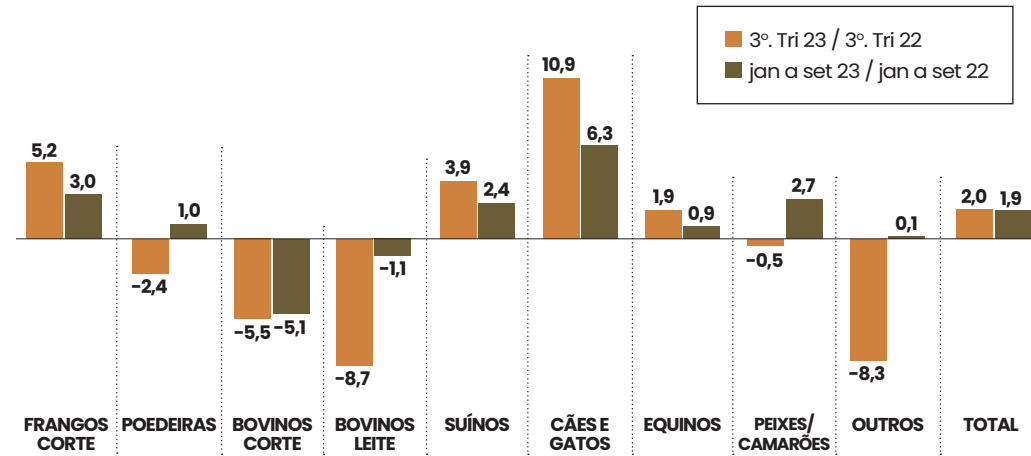
de 2,4%, enquanto para os bovinos de corte e de leite foram apurados recuos de 5,1% e 1,1%, respectivamente. Para aquicultura, o incremento se deu na ordem de 2,8% e, finalmente, incremento de 6,3% no caso dos cães e gatos. No geral, a previsão é finalizar o ano com produção aproximada de 87 milhões de toneladas de rações e sal mineral e apurar incremento de quase 1,5% em relação ao ano passado.

Produção rações (milhões toneladas)

SEGMENTO	Jan a Set 2022*	Jan a Set 2023**	%
AVES	31,8	32,7	2,7
FRANGOS CORTE	26,7	27,5	3,0
POEDEIRAS	5,13	5,18	1,0
SUÍNOS	15,5	15,9	2,4
BOVINOS	9,0	8,7	-3,1
LEITE	4,5	4,4	-1,1
CORTE	4,53	4,29	-5,1
CÃES E GATOS	2,76	2,93	6,3
EQUINOS	0,477	0,481	0,8
AQUACULTURA	1,21	1,24	2,8
PEIXES	1,07	1,10	1,9
CAMARÕES	0,131	0,144	9,8
OUTROS	0,627	0,661	5,4
TOTAL RAÇÕES	61,4	62,6	1,9
SAL MINERAL			
TOTAL GERAL	61,4	62,6	1,9

Fonte: Sindirações | *Estimativa; **Previsão

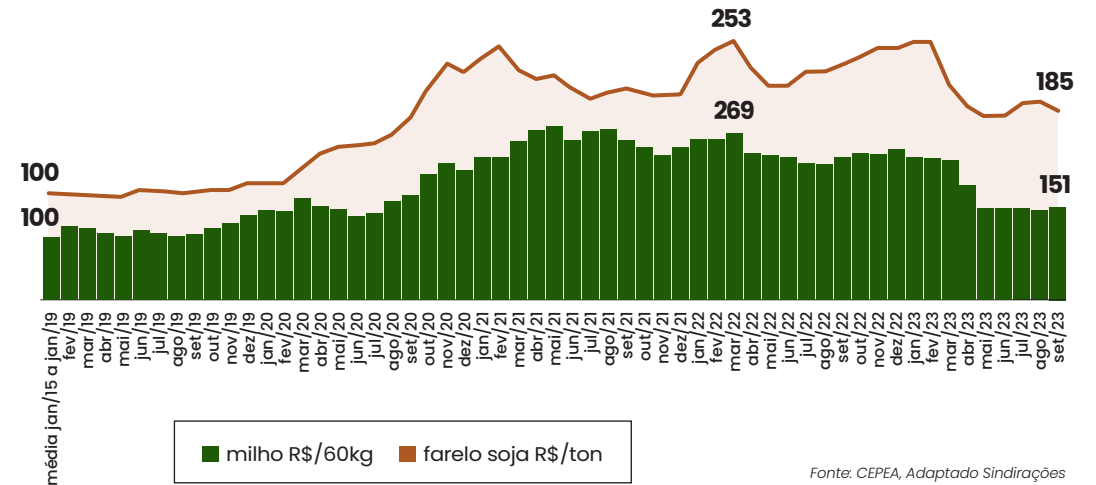
Produção rações (variação %)



Fonte: Sindirações

Variação dos índices de preços

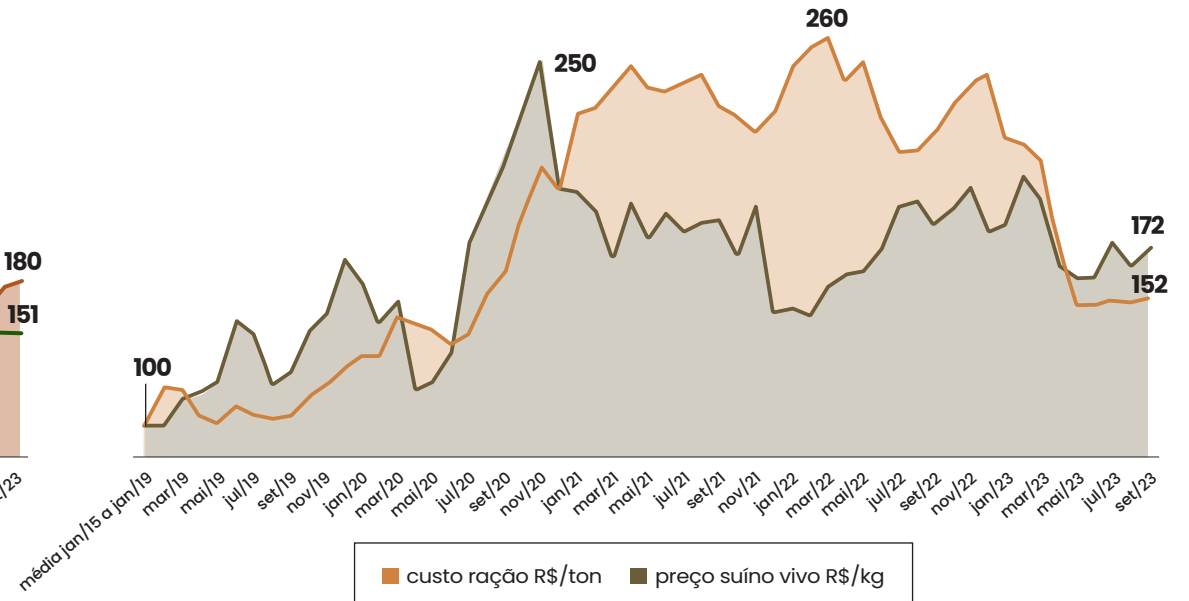
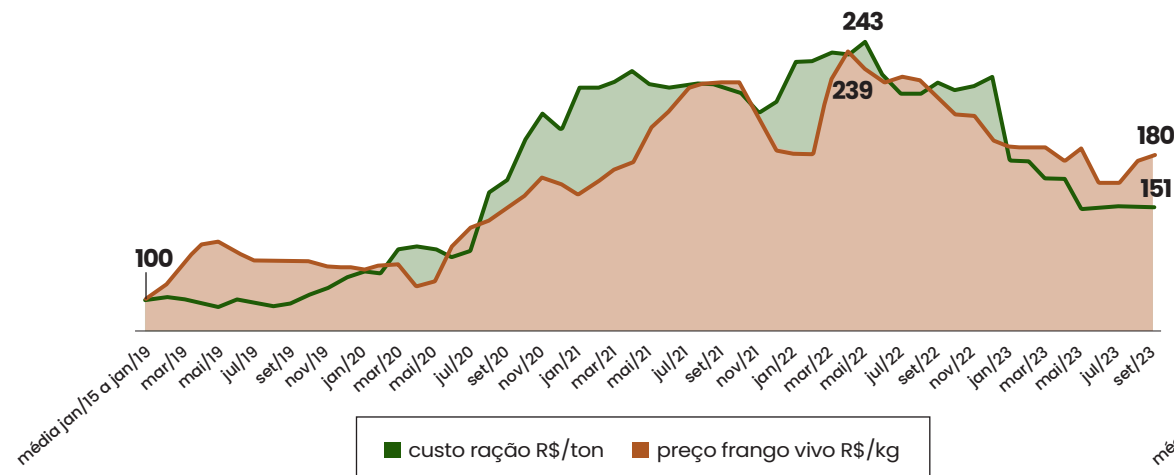
(média janeiro/15 a janeiro/19 = base 100)



Fonte: CEPEA, Adaptado Sindirações

Variação dos índices

(média janeiro/15 a janeiro/19 = base 100)



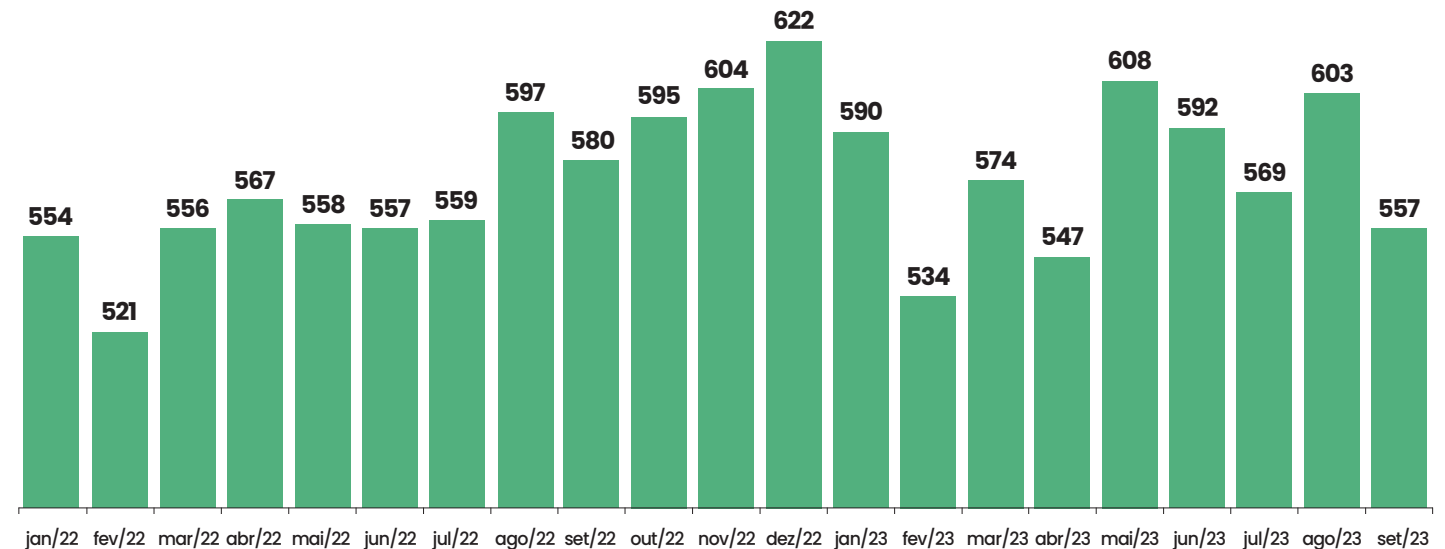
Fonte: Custo rações, Sindirações; milho, farelo soja, frango vivo, AVISITE; Adaptado Sindirações

Avicultura de corte

A produção de rações para avicultura de corte contabilizou 27,5 milhões de toneladas no período de janeiro a setembro do corrente ano. Apesar da ameaça do surto de influenza aviária de alta patogenicidade, a apuração no território brasileiro sequer revelou qualquer episódio em granja comercial, e os casos notificados, acometeram apenas poucas aves silvestres e algumas criações de subsistência ou “fundo de quintal”. Ou seja, o status sanitário prevalente no Brasil e a preservação da biossegurança revelam o esforço reconhecido oficialmente pela Organização Mundial de Saúde Animal/OMSA, não impõe qualquer restrição ao comércio internacional dos produtos avícolas brasileiros. A visão prospectiva dessa cadeia produtiva, inclusive, é otimista por conta do continuado incremento na produção doméstica e na exportação da respectiva proteína animal.

Alojamento de pintos de corte

(milhões cabeças)



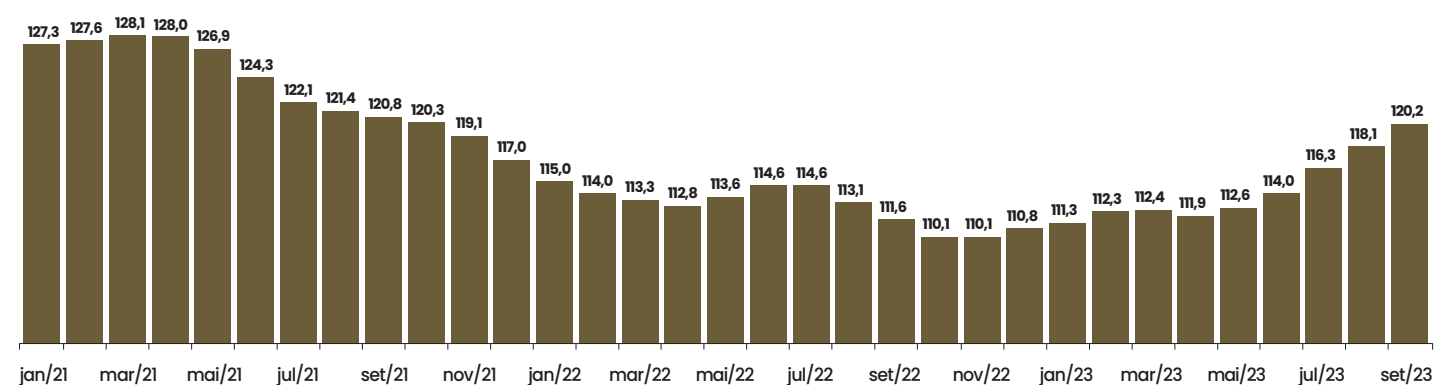
Fonte: APINCO, Adaptado Sindrirações

Avicultura de postura

A demanda para alimentação de poedeiras comerciais alcançou 5,18 milhões de toneladas nos primeiros nove meses desse ano, quantidade superior àquela consumida durante o mesmo intervalo temporal de 2022. Os produtores de ovos têm garantido suprimento suficiente para atendimento do consumo interno e do potencial incremento oriundo do mercado externo pelas opções “in natura” e processada. Os resultados da Pesquisa Trimestral do IBGE, publicados em setembro passado, registraram que a oferta de ovos avançou 3%, quando comparados os montantes dos primeiros semestres desse e do ano anterior.

Plantel de poedeiras

(milhões cabeças)



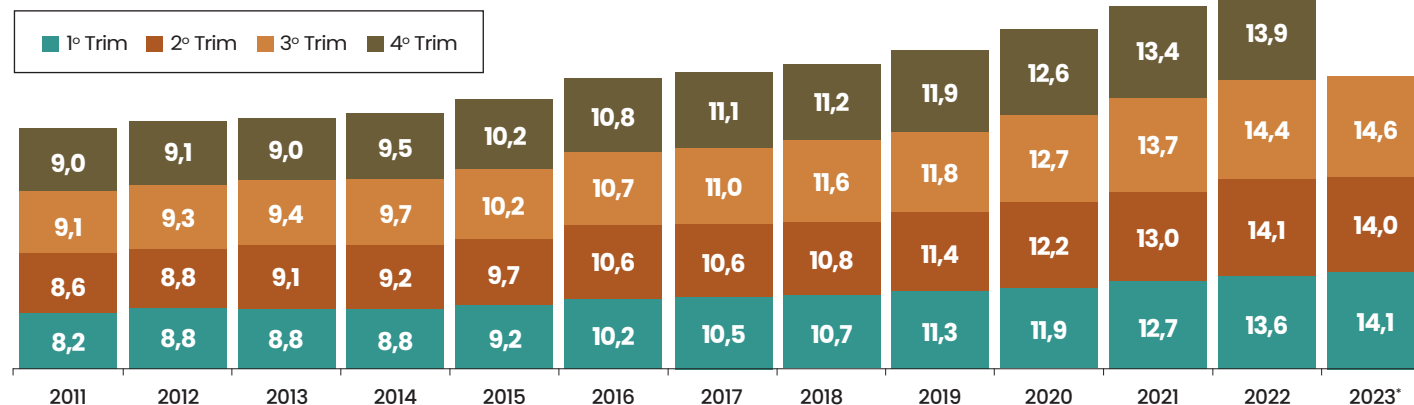
Fonte: OVOSITE, Adaptado Sindrirações

Suinocultura

O consumo de rações para suínos somou 15,9 milhões de toneladas, montante ligeiramente superior àquele apurado durante o mesmo período do ano passado, a saber, de janeiro a setembro. O resultado está alinhado ao ritmo de crescimento da ordem de 2% que revela tendência de estabilidade na produção de suínos. Por sua vez, é importante ressaltar que o arrefecimento do custo para alimentação dos plantéis, a eficiência produtiva e a sanidade, contribuíram sobremaneira no fortalecimento da competitividade da carne suína exportada frente aos demais concorrentes internacionais nesse ano e, sobretudo, revelam um cenário bastante favorável no transcorrer de 2024.

Abate de suínos

(milhões de cabeças)



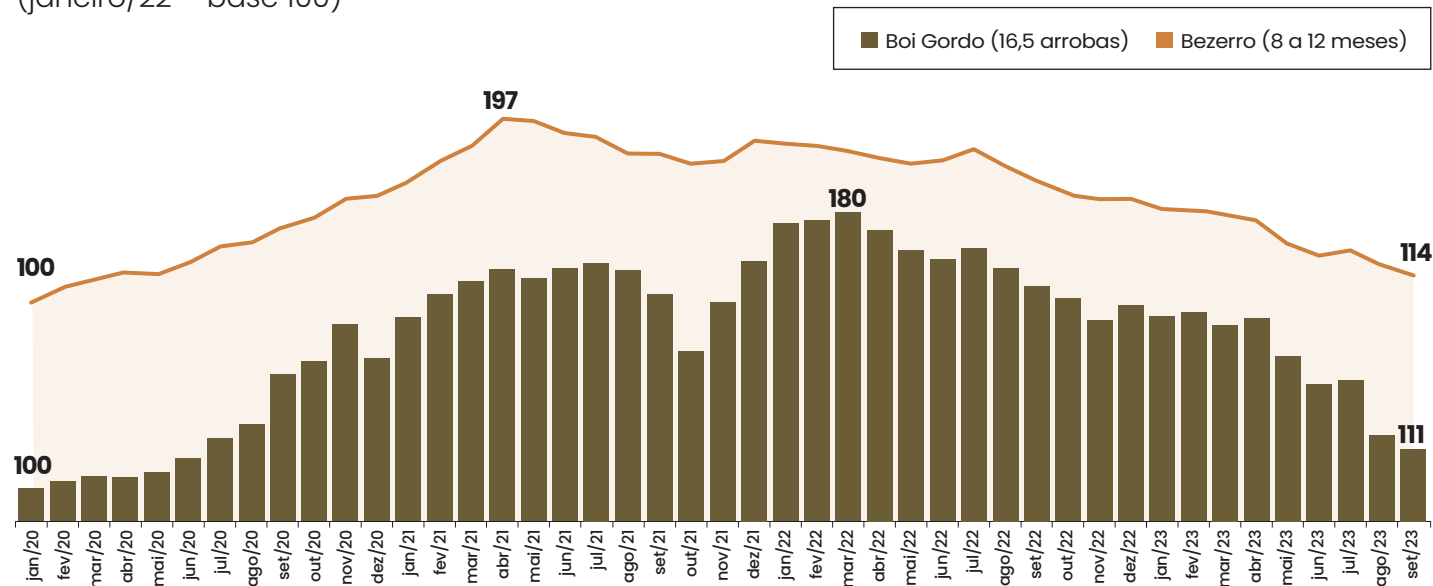
Fonte: IBGE (3º. Tri/23 - Resultado Preliminar); Adaptado Sindirações

Bovinocultura de corte

A demanda de rações e concentrados para bovinos de corte somou apenas 4,29 milhões de toneladas de janeiro a setembro. Os preços do bezerro e aquele pago pela arroba do animal terminado vem sofrendo acentuada desvalorização por conta do fenômeno denominado "ciclo pecuário". Ainda no período 2020/2021, os pecuaristas retiveram muitas fêmeas e produziram mais bezerros, estimulados pela arroba valorizada à época, aproveitando a "fase de alta". Em resposta, já em 2022, a exuberante oferta desses animais jovens culminou na desvalorização do preço deles. Em consequência, durante esse 2023, o "cenário de baixa" tem incrementado o abate de fêmeas, que somado à oferta aos frigoríficos, ainda continua pressionando o preço do boi gordo. A perspectiva de virada do referido ciclo aponta para meados do próximo ano e deve alcançar seu auge em 2025.

Variação dos índices de preços

(janeiro/22 = base 100)



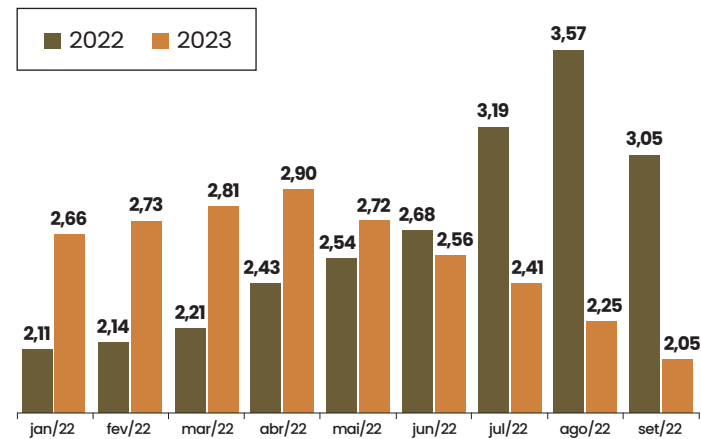
Fonte: CEPEA, Adaptado Sindirações

Bovinocultura de leite

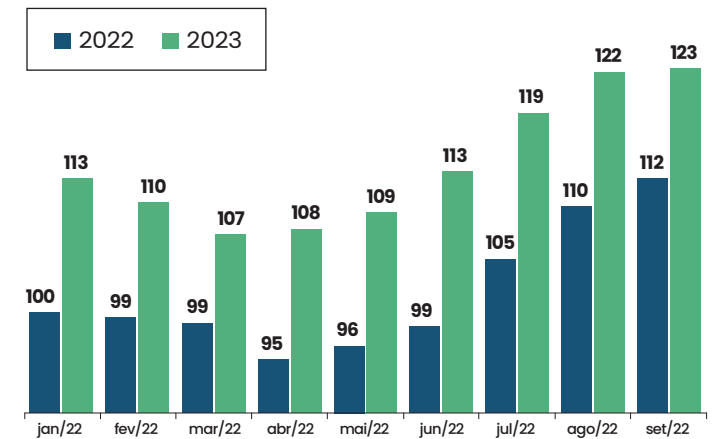
A produção de rações e concentrados para bovinos leiteiros alcançou 4,4 milhões de toneladas, montante aquém daquele expedido durante os três trimestres do ano passado. A tendência de recuo da demanda é multifatorial e se deve à redução do rebanho, concentração da atividade em megaempreendimentos, baixos preços pagos aos produtores, má qualidade das pastagens, muito embora relativo alívio se deu no custo da alimentação industrializada dos animais. Além disso, a queda na oferta de leite cru determinou importação recorde de lácteos dos vizinhos Argentina e Uruguai. A perspectiva futura é de melhora no cenário e retomada do consumo doméstico em resposta à tendência de queda da inflação e dos aportes financeiros oriundos dos programas de auxílio às famílias de baixa renda.

Correlação entre o preço e a captação do leite

PREÇO (R\$/litro pago ao produtor)



CAPTAÇÃO (Variação)

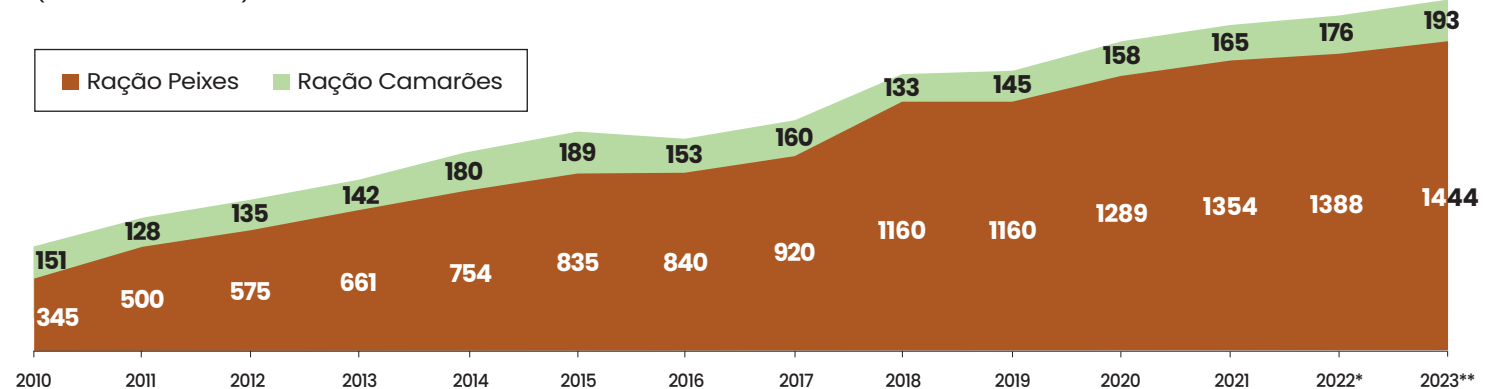


Fonte: CEPEA, Adaptado Sindiраções

Peixes e Camarões

A produção de rações para peixes e camarões totalizou 1,24 milhão de toneladas de janeiro a setembro, enquanto o ritmo de avanço da piscicultura diminuiu razoavelmente em resposta à escassez de tilápias, desencadeada pela elevada taxa de mortalidade de causa viral, principalmente dos alevinos e juvenis criados em tanques-rede. No caso da carcinicultura, os produtores de camarões buscaram encurtar os ciclos e baixar o custo de produção com densidade inferior de povoamento e menor peso de despesca.

Evolução produção rações para peixes e camarões (mil toneladas)



Fonte: Sindiраções *Estimativa; **Previsão

Empresas Associadas

